

*Os italianos no espaço público de Santa Catarina  
(Brasil). Entre epopeia e festas étnicas*

**Chiara Pagnotta**

TALLER DE ESTUDIOS E INVESTIGACIONES ANDINO-AMAZÓNICOS – UB

**Gláucia de Oliveira Assis**

FAED/UESC

---

**ABSTRACT**

---

This communication aims to show the public representation of the Italian immigration in Santa Catarina State (Brazil). Particularly, the recreation of the Italian public identity in two festivities which take place in Santa Catarina State: the Festa da Porca Pipa (Criciúma) and the Festa do Vinho (Urussanga), about which the two authors have developed their ethnographic study (2014). This ethnography, the memories produced by the descendents of Italian immigrants, and the interviews conducted by two authors are the sources of this article.

**Keywords:** Italian identity, Memory, Ethnic festivals, Santa Catarina, Brazil.

Este artigo apresenta as representações públicas da imigração italiana em Santa Catarina (Brasil). De particular importância nesse processo são as festas que têm lugar no estado de Santa Catarina: a Festa da Porca Pipa (Criciúma) e a Festa do Vinho (Urussanga), acerca das quais as autoras têm desenvolvido estudos etnográficos (2011, 2014). Esta etnografia, as memórias produzidas pelos descendentes de imigrantes italianos e as entrevistas conduzidas por duas autoras são as fontes do presente artigo.

**Palavras-chave:** Italianidade; Memória; Festas étnicas; Santa Catarina; Brasil.

---

## Introdução<sup>1</sup>

O estado de Santa Catarina, localizado no sul do Brasil, tem construído sua identidade como região de imigração, numa narrativa que valoriza a presença de imigrantes alemães, italianos, açorianos, poloneses e de outros grupos que vieram ocupar e colonizar suas terras, consideradas, naquela ocasião, “vazios populacionais”. Ao longo do século XX, os significados de ser imigrante e de migração modificaram-se. As formas de expressar esse pertencimento étnico, no caso de imigrantes italianos e alemães, ficaram mais restritas ao âmbito privado. No entanto, a partir da década de 1980, com as várias festas étnicas que começam a se realizar no estado, ocorre um processo de revalorização dos pertencimentos de origem e uma busca por sabores, narrativas e memórias da imigração. No caso da imigração italiana, alguns elementos, como a religião, a cozinha tradicional, as músicas e os traços europeus se destacaram e foram identificados como marcas de italianidade. O presente estudo, sobre a imagem pública dos imigrantes e, em particular, da imigração italiana nesse início de século XXI, faz parte de uma ampla pesquisa qualitativa, relativa à transmissão da memória entre descendentes de italianos em Florianópolis<sup>2</sup>.

O objetivo é estudar a representação pública da imigração italiana no estado de Santa Catarina e como esta influencia e reelabora o imaginário dos descendentes dos antigos imigrados do século XIX.

De um ponto de vista público, verifica-se, nos últimos anos, uma recriação e reelaboração da que é considerada identidade italiana originária de Santa Catarina. Como observou Holbawchs (1987) em relação à memória coletiva, um dos traços que a caracterizam é o operar uma contínua reescritura de si mesma e, então, da lembrança do passado em base aos acontecimentos do presente. Além disso, povos instituem no tempo da história a sua unidade imaginária contra todas as outras unidades possíveis (Balibar, Wallerstein, 1996, p. 70). Nos anos 1960, Fredrik Barth (1969) substituiu uma concepção estática da identidade étnica

---

<sup>1</sup> Este artigo foi preparado e discutido em conjunto pelas duas autoras. Mais precisamente, Chiara Pagnotta é autora da introdução, da conclusão, do primeiro e do segundo parte. Glaucia Oliveira de Assis é autora da terceira parte. Agradecemos aos comentários dos grupo de trabalho no qual foi apresentado inicialmente no CEISAL e aos pareceristas que contribuíram para a versão final desse artigo.

<sup>2</sup> Para realizar a pesquisa intitulada "Histórias de vida de mulheres italianas no Brasil entre transmissão inter-geracional e nova mobilidade: o caso de Florianópolis", Chiara Pagnotta obteve uma bolsa de pós-doutoramento concedida pelo Programa Nacional de Pós-Doutorado da Capes (PNPD- Capes), em 2013, realizada no Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-Udesc), Laboratório de Relações de Gênero e Família (LabGeF), Florianópolis sob a supervisão da professora Glaucia Olivera de Assis, que tem realizado pesquisas sobre migração de descendentes de imigrantes italianos rumo aos Estados Unidos e à Europa.

por uma concepção dinâmica, demonstrando que, como qualquer outra identidade coletiva, constrói-se e transforma-se por meio de processos de inclusão e exclusão durante a interação dos grupos sociais, estabelecendo fronteiras (*boundaries*).

Como acontece frequentemente, o emergir de uma etnicidade se dá por meio de um processo de identificação e de diferenciação entre uma identidade própria, um confronto com as outras comunidades nacionais e com as comunidades diferentes que coexistem no mesmo espaço. Alguns elementos (por exemplo, a religião, a cor da pele, a culinária tradicional) são selecionados e assumidos como símbolos de uma identidade originária, imaginada como tal e aparentemente imutável ao longo do tempo.

Duas festas étnicas que acontecem no sul do estado de Santa Catarina assumiram uma importância particular na recriação da identidade pública dos descendentes de imigrantes italianos, que, no tempo presente, recriam italianidades nessas localidades, como a Festa di Porca Pipa (Criciúma) e a Festa del Vino (Urussanga), que estudamos com o método etnográfico em 2014.

Este trabalho é o resultado de um encontro entre a pesquisa bibliográfica desenvolvida *in loco*, e a realização de 12 entrevistas<sup>3</sup>, entre elas: histórias de vidas, grupos focais e uma etnografia desenvolvida entre as imigrantes italianas, e seus descendentes, nos lugares de encontro e por ocasião das festas do grupo étnico.

Pagnotta desenvolveu também uma etnografia nos lugares de encontro oficial do grupo italiano em Florianópolis (*Circolo Italo-Brasileiro* e *Famiglia Trentina*) e em conversas informais nesses lugares e outros espaços, tanto com homens quanto com mulheres. Essas conversas, embora não fossem entrevistas formais gravadas, constituem registros etnográficos que formam o pano de fundo da pesquisa, oferecendo possíveis chaves de leitura do fenômeno.

As entrevistas realizadas por Assis (2011, 2014) foram realizadas também na região sul de Santa Catarina, com descendentes de imigrantes italianos que emigraram para os Estados Unidos e para a Itália no final do século XX e início do século XXI, que narram as memórias de seus *nonos* e *nonas* e os processos de reconstrução da italianidade.

O material etnográfico desses dois momentos de pesquisa de campo, a memorialística produzida pelos descendentes dos imigrados italianos, as entrevistas realizadas e o material bibliográfico constituem as fontes deste artigo.

---

<sup>3</sup> Em respeito à privacidade dos testemunhos, os nomes e as fichas técnicas ficaram unicamente em propriedade das autoras. Isto se justifica pelo fato de o interesse da pesquisa ser o de estudar como o grupo social, ao qual pertencem os testemunhos, lembra e narra a migração, e não fato específico que diga respeito ao indivíduo entrevistado.

## Raízes históricas da colonização em Santa Catarina

A história da imigração no Brasil, na época contemporânea, tem início em 1808, com a chegada em terra americana da corte portuguesa e intensifica-se após a abolição da escravatura, em 1888, alcançando caráter de massa entre 1880 e 1914.

O período de 1870 a 1885 pode ser considerado, segundo Alvim (1999), o último período em que o governo brasileiro tentou trazer imigrantes com destino à pequena propriedade; porém, o sucesso das colônias foi reduzido. Segundo a autora, estima-se que, entre 1846 e 1860, tenham sido criadas 96 colônias privadas, das quais 66 desapareceram. No âmbito oficial, das 33 colônias fundadas, extinguíram-se 29. Diante do fracasso da colonização privada, a partir de 1867 foram fixadas normas que visavam à diminuição das falhas no sistema. O governo garantiria: a passagem desde o porto do Rio de Janeiro até o núcleo colonial; a atribuição de um lote de terra a cada família migrante; os alojamentos para os camponeses (alojamentos estes que poderiam ser casas) e a concessão de um pedaço de terra já desmatado para plantação de gêneros de subsistência, além do fornecimento de sementes, instrumentos de trabalho e mantimentos gratuitos nos primeiros 10 dias. Foi nesse contexto que ocorreu a vinda dos italianos para o Brasil.

Portanto, na segunda metade do século XIX, no Brasil, a Região Sudeste do País tornou-se a principal receptora de imigrantes, principalmente italianos e alemães. Os anos 50 desse mesmo século foram caracterizados por uma grande agitação na política de colonização do Brasil, dando vida à Lei nº. 601, de setembro de 1850, conhecida como "Lei de Terras"<sup>4</sup>, que tentava regulamentar a propriedade privada da terra no País e pela qual a colonização estrangeira se tornou um elemento de vital importância.

No mesmo ano, os primeiros imigrados alemães chegaram à Colônia Blumenau; em 1851, à Colônia Da. Francisca; em 1860, à Colônia Itajaí-Brusque. Os primeiros italianos haviam chegado anteriormente, em 1836, conduzidos pela empresa colonizadora de Carlos Demaria e de Henrique Schutel à colônia Nova Itália. Tratava-se de súditos provenientes principalmente do Reino de Sardegnia (do qual, na época, faziam parte o atual Piemonte, Valle d'Aosta, Liguria e

---

<sup>4</sup> Conforme observam Cavalcante (2005), Christillio (2010) e Gadellha (1989), a lei de terras instituiu no Brasil a propriedade privada da terra, pois estabeleceu que ela só poderia ser adquirida por compra e passariam a ser consideradas terras devolutas e pertencentes ao Estado todas as terras que não estivessem registradas em nenhuma instância, fosse nacional, provincial ou municipal, e que não pertencessem a nenhum particular, fossem concedidas por sesmaria ou ocupadas por posse. Essa legislação permitiu que imigrantes pudessem adquirir as terras, mas, ao mesmo tempo, não garantia a titularidade para os que ocupavam as terras ou nelas viviam. Tal legislação foi considerada um dos marcos da concentração de terras no País.

Sardegna). Na região, pouquíssimos eram os brasileiros. A vida, nesta colônia, parece ter sido bastante difícil. Segundo Walter Piazza (1976, pp. 32-38), a inexperiência dos diretores da empresa provocou tensão com os imigrados que nela viviam. Além disso, a colônia sofreu vários ataques indígenas (chamados, pelos colonos, de *bugres*<sup>5</sup>) e uma desastrosa inundação em 1838. Em 1846, terminado o contrato de colonização com Demaria e Schutel, a colônia mudou seu nome para Don Alfonso.

Depois de 1850, a imigração italiana tornou-se massiva. A Colônia Nova Itália parece ser um caso isolado de uma colonização prematura. O contrato entre o comendador Caetano Pinto e o governo imperial, visando à introdução de cem mil colonos europeus no Brasil, foi assinado somente em 1874.

O assentamento italiano em Santa Catarina foi bastante disperso. Alguns imigrados instalaram-se na Colônia Blumenau; outros, na Colônia Brusque, ao longo do vale do Itajaí, e, em seguida, a partir de 1877, na zona sul do estado, na Colônia Azambuja, que se ramificou em seis núcleos: Azambuja, Urussanga, Treze de Maio, Acioli de Vasconcellos, Criciúma e Hercílio Luz<sup>6</sup>.

Enquanto isso, o contrato com Caetano Pinto terminou, seguido de outro, assinado com Angelo Fiorita & Cia, graças à qual surge, em 1891, a Colônia Nova Veneza (sede da colônia), povoada por cerca de 500 famílias originárias do Vêneto, que formaram os núcleos Nova Beluno (hoje Siderópolis) e Treviso. A chegada massiva de imigrantes do norte da Itália foi favorecida pelas ideias da época, que viam na importação de trabalhadores europeus um meio para promover o progresso no País, "civilizá-lo" e substituir a mão de obra escrava. Afirma ainda Angelo Trento (1988) que a imigração italiana ajudou a sair do impasse quando os fazendeiros tiveram que deixar o sistema com base no trabalho escravo. Neste sentido, o imigrado desejado era branco, europeu, de costumes morigerados e capaz de trazer consigo o sistema da pequena propriedade agrícola existente nos lugares de origem. O imigrado, em síntese, deveria contribuir para a abolição do sistema da sesmaria (combatido pela Lei de Terras, de 1850) e para a instauração do trabalho livre, para o qual a população negra era considerada incapaz (Menezes, 2005). Para a elite brasileira, a função que os colonos deveriam executar era ocupar e fazer produtivas as áreas designadas pelas companhias de colonização. Cada família recebeu uma ou duas parcelas de terra, que resgataria da empresa de colonização após um período de vários anos (Vangelista, 1997, pp. 66-74). Os imigrantes, que eram pequenos

---

<sup>5</sup> Termo genérico usado no Brasil para chamar, dedepreciativamente, grupos indígenas que não tinham contato com a sociedade nacional. Os índios do sul do estado de Santa Catarina eram parte do grupo xokleng.

<sup>6</sup> A área reservada para colônia foi especialmente concebida em tão grande extensão e em diferentes núcleos com vistas ao presente e ao futuro, com vistas a atender àsubsequente colonização de terras por parentes e/ou descendentes dos primeiros migrantes.

agricultores, vieram atraídos pela possibilidade do acesso à terra e faziam parte de um projeto do Império de povoamento da terra com base na pequena propriedade. Segundo Bassanezi (1995, pp. 20-21), os imigrantes que saíram da Itália entre 1886 e 1895 marcaram o direcionamento do fluxo para além das fronteiras da Europa, dirigindo-se principalmente ao Brasil e à Argentina até o final dos anos 90, quando o movimento se voltou para os Estados Unidos. No Brasil, esse contingente teve como características distintivas: o número mais volumoso de migração familiar que nos outros países, e o Vêneto como a região que mais forneceu imigrantes<sup>7</sup>.

No caso da província de Santa Catarina, que em 1870 ainda era uma grande floresta, com a população concentrada no litoral, os imigrantes vieram para fazer a ligação do litoral com o planalto, já iniciada pelos imigrantes alemães que chegaram à região do Médio Vale do Itajaí em 1850. Os imigrantes italianos estabeleceram-se, inicialmente, em torno das colônias já fundadas pelos teutos, como Itajaí, Brusque e Blumenau. Esses, fundaram ainda outras colônias, como Botuverá e Nova Trento, e dirigiram-se para o sul da província, fundando as colônias de Tubarão, Azambuja, Urussanga e, mais tarde, Criciúma.

De acordo com o cônsul italiano da época, no início do século XX os italianos no estado de Santa Catarina não chegavam a 30 mil. A estes valores, devem-se adicionar os dos trentinos, na época cidadãos do Império Austro-Húngaro (Brunello, 1994b, p. 313); sobre eles faltam números mais precisos.

A política imigratória representava, nesse período, uma estratégia que se iniciou no Império e permaneceu durante a Primeira República, principalmente após a abolição da escravatura, que se propunha articular a política imigratória com os interesses de povoamento e de fornecimento de mão-de-obra livre e branca, numa tentativa de aproximar o Brasil dos padrões de eugenia europeus (Seyferth, 1996). Segundo Vainer (1995), da Proclamação da Independência aos movimentos que sucederam à República, as políticas migratórias representaram uma clara opção pelo emprego de gente *branca, livre e industriosa*<sup>8</sup>.

Conforme demonstra Seyferth (1996), nas primeiras décadas da República, a política imigratória brasileira estava imbricada na questão racial. Havia, nesse contexto, um migrante típico, desejado, que era o de “raça branca”, visto como uma forma de atenuar o problema da formação do povo brasileiro, tipicamente mestiço.

---

<sup>7</sup> A historiografia da imigração italiana no Brasil é muito ampla. Respeito ao caso da emigração do Vêneto incluem, entre outros, o precursor trabalho de Emilio Franzina (1979). Quanto ao caso específico da emigração do Nordeste italiano e sentada em o Estado de Santa Catarina, ver os trabalhos de Brunello (1994a), Grosselli (1991) e Perco (1987). Do lado da historiografia brasileira destacar, entre outros, o mais recente trabalho de Otto (2006) sobre a imigração italiana em Santa Catarina.

<sup>8</sup> Grifo do autor.

Até a Primeira Grande Guerra, migrantes preferenciais eram aqueles que pretendessem fixar-se como agricultores ou trabalhadores rurais e correspondessem ao tipo racial considerado superior. Dessa forma, contribuiriam, através de uma estratégia de miscigenação seletiva, para o branqueamento da população. Quando, no início do século XX, a tese do *branqueamento* passa a ser pensada como estratégia de formação de um novo tipo racial, ocorreu um grande debate entre os formuladores de políticas migratórias sobre quais imigrantes seriam mais assimiláveis e suscetíveis de miscigenação. Nesse contexto, as políticas imigratórias e colonizadoras do Império foram duramente criticadas, por permitirem a concentração de imigrantes estrangeiros no sul do País em *colônias homogêneas* (grifos da autora), que permaneceram à margem da sociedade nacional. Assim, o imigrante privilegiado no regime anterior (Império) transformou-se no perigo potencial para a nacionalidade, tendo em vista a “consciência nacional” pautada por valores estranhos à nacionalidade (Seyferth, 1996, p. 49).

É neste cenário que, em 1880, a pequena vila de São João de Cresciúma foi fundada por 22 famílias de italianos que chegaram à região com a tarefa de “colonizá-la”. A importância da família, no entanto, não se deu apenas para a economia da colonização, mas também para a socialização dos primeiros imigrantes e para a transmissão de valores a eles comuns. Nessa perspectiva, um dos aspectos pouco discutidos nos textos que se referem aos primeiros imigrantes é seu contato com os habitantes nativos da região, os grupos indígenas que ali viviam. Quando chegaram à região de Criciúma, os imigrantes entraram em conflito com os indígenas, descritos como um grande perigo enfrentado pelo imigrante, tal como os animais ferozes (Arns, 1985, Assis, 2011).

De Luca (2000) relata que os italianos que chegaram à região, além de pagar pela terra ao governo imperial, tiveram que efetivamente tomar posse dela, pois a terra vendida era ocupada por nativos a quem os italianos chamavam de “bugres”. Estes foram lenta e implacavelmente exterminados. Os índios eram descritos, conforme De Luca (2000), como indiferentes, sujos, preguiçosos, incestuosos e antropófagos. Na disputa pela terra, eles foram expulsos ou mortos pelos imigrantes, que contratavam bugreiros para os matar. A tarefa colonizadora e civilizadora empreendida pelo imigrante significou a formação de uma vila que, à medida que foi crescendo, exterminou os índios da região<sup>9</sup>.

Santos (1998) mostra que o conflito entre os indígenas e os italianos imigrados foi causado, em parte, pela ideia – pressuposta nos acordos oficiais do governo com os países de emigração – de que a terra fosse desabitada.

---

<sup>9</sup> Ver, em Santos (1998) e Brunello (1998), uma análise mais detalhada sobre as relações entre os indígenas e os imigrantes.

Nos relatos construídos sobre a fundação da cidade por ocasião das festas de centenário de sua fundação (Arns, 1985), destacam-se a imagem do imigrante pioneiro e a importância da migração familiar. É importante observar que há uma narrativa memorialística sobre a história da cidade que enfatiza a imagem heroica do pioneiro. Mesmo sendo a família o núcleo colonizador da região, a história da ocupação era contada a partir dos homens. As mulheres eram tratadas como as que acompanham os maridos ou que cuidam dos filhos (Assis, 2011, Assis e Geremias, 1999).

Com o início da Primeira Guerra Mundial, o processo de imigração italiana para o Brasil sofreu uma interrupção, também por causa da dificuldade do sistema de transporte marítimo. Com a desaceleração dos fluxos transoceânicos, viu-se, por outro lado, um aumento nos fluxos internos. Entre 1910 e 1930, as áreas de colonização italiana passaram por uma explosão demográfica, o que determinou certa mobilidade dentro dos próprios confins estaduais. A isto se somou um fluxo nesta direção, proveniente das antigas colônias do Rio Grande do Sul (Piazza, 1976, pp. 88-89).

### **Da guerra na Itália às florestas brasileiras**

As narrativas sobre as histórias de migração são perpassadas por marcadores de gênero. A perspectiva de gênero permitiu perceber o papel das mulheres como narradoras da história familiar. Enquanto a narrativa masculina se concentrava mais sobre o espaço público e sobre o uso público da narração das migrações, as mulheres preferiam lembrar os aspectos privados das tradições familiares, ligados a comida, canções, tradições orais familiares e de grupo de pertença.

Em termos mais gerais, durante o trabalho de campo, fazendo entrevistas e colhendo histórias de vida entre os descendentes dos italianos em Florianópolis e em Criciúma, surpreendeu-nos o fato de que muitos descendentes não sabiam quase nada das histórias de migração da própria família.

Em algumas histórias sobre os próprios antepassados, emergia, em particular, a guerra na Itália como fato motivador da emigração. O problema, que logo nos colocamos enquanto historiadoras, foi o da temporalidade dos eventos. Quem nos estava falando narrava uma imigração ocorrida nos anos 80/90 de 1800, período no qual, ao que consta, na Itália não havia guerra alguma. Ao contrário, a terceira guerra de independência italiana, travada no atual nordeste italiano, região de proveniência dos imigrantes e que ratificou com um plebiscito a anexação do Vêneto ao *Regno d'Italia*, remonta a 1866. Entre aquela data e a Primeira Guerra Mundial não houve combates em solo italiano (e, entre 1871 e 1914, em solo europeu). A pergunta surgiu espontaneamente: de qual conflito

estavam falando as testemunhas? Logo percebemos que alguns dos entrevistados não se referiam à própria história familiar de imigração, mas reproduziam o relato de uma imagem pública da imigração ou da que achavam que deveria ser. Uma parte considerável das testemunhas que conhecemos para os quatro grupos focais e as oito histórias de vida coletadas em 2014 demonstrava (e admitiu) saber pouco da história dos próprios antepassados e isso, como foi possível observar, não dependia unicamente da política de nacionalização feita pelo Governo Vargas durante o Estado Novo.

Independentemente de memórias individuais, havia um livro, sempre mencionado pelos descendentes, como fonte para a *verdadeira história*<sup>10</sup> dos italianos na zona sul de Santa Catarina – e citado pelas testemunhas como o mais confiável de suas memórias individuais –, intitulado: *Colonos e missionários italianos nas florestas do Brasil*, escrito pelo padre Luigi Marzano e publicado na Itália em 1904<sup>11</sup>. O livro foi escrito alguns anos depois dos eventos narrados; representa por isso, a fonte insubstituível para compreender a mentalidade dos imigrados italianos da época (e, aparentemente, de seus descendentes). O texto, foi escrito pelo missionário que, de Turin, chegou ao Brasil em 1899, indo diretamente a Urussanga. A descrição da vida na colônia e as dificuldades encontradas são trechos repetidos no espaço público pelos descendentes dos protagonistas do livro de Marzano. Neste sentido, o livro contribuiu para a criação do mito do imigrante pioneiro no estado de Santa Catarina. Além disso, segundo o historiador Piero Brunello (1998, pp. 97-116), ele consolida uma imagem da vitória da história e da civilização europeia contra a natureza selvagem, representada pela floresta e pelos índios.

A memória épica do momento da chegada é construída pelo livro e também pela canção *Merica Merica!*<sup>12</sup>. A canção é citada e conhecida por todas as testemunhas encontradas; algumas vezes, ela até nos foi cantada. Em particular,

<sup>10</sup> Como afirmado por testemunhas para me conhecer. Grifo do autor.

<sup>11</sup> Conseguimos encontrar apenas a versão em Português (Marzano, 1985).

<sup>12</sup> Co-existem várias versões da canção. Entre outras, incluem: <https://www.youtube.com/watch?v=HPAEJHW3phs> [03/01/2016]. Tradução: América- América - Folclore Italiano Merica-Merica. Da Itália nós partimos,/ Partimos com a nossa honra/ Trinta e seis dias de cvarro e navio/ E na América chegamos/ América, América, América,/ É um lindo ramalhete de flores./ Que coisa será esta América?/ É um lindo ramalhete de flores./ Na América nós chegamos/ Não encontramos nem palha e nem feno/ Dormimos sobre o duro terreno/ Como os animais, repousamos./ América, América, América,/ Que coisa será esta América?/ América, América, América,/ É um lindo ramalhete de flores./ A América é longa e larga/ É formada de montes e planícies./ E com o esforço dos nossos italianos/ Construimos vilas e cidades./ América, América, América,/ Que coisa será esta América?/ América, América, América,/ É um lindo ramalhete de flores./ América, América, América,/ Que coisa será esta América?/ América, América, América,/ É um lindo ramalhete de flores. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/folclore-italiano/182024/traducao.html> [5/06/2017]

parecia ser a canção oficial da Festa de Porca Pipa, como foi possível observar durante o trabalho de campo (2014). Ela foi cantada na igreja durante a missa e, em vários momentos durante a celebração, por quase todos os presentes.

A letra narra esse percurso e ajuda a construir a imagem do migrante pioneiro:

Dalla Itália noi siamo partiti/ Siamo partiti col nostro onore/ Trentasei giorni di macchina e vapore,/ e nella Merica noi siamo arriva'./ Merica, Merica, Merica,/ cossa sarò 'sta Merica?/ Merica, Merica, Merica,/ bel mazzolino di fior./ E alla Merica noi siamo arrivati/ no' abbiám trovato nè paglia e nè fieno/ Abbiám dormito sul nudo terreno, come le bestie abbiám riposa'./ Merica, Merica, Merica,/ cossa sarò 'sta Merica?/ Merica, Merica,/ un bel mazzolino di fior./ E la Merica l'è lunga e l'è larga,/ l'è circondata dai monti e dai piani,/ e con la industria dei nostri Itálianos/ abbiám formato paesi e città./ Merica, Merica, Merica,/ cossa sarò 'sta Merica?/ Merica, Merica, Merica,/ un bel mazzolino di fior./ Merica, Merica, Merica,/ cossa sarò 'sta Merica?/ Merica, Merica, Merica,/ un bel mazzolino di fior.

Nesse caso, também, a imagem que ela transmite é do migrante/pioneiro que triunfa entre as dificuldades e, mais, leva a civilização ao interior de um mundo selvagem (simbolizado pelo fato de que, na chegada dos italianos, não havia nenhuma casa na floresta, mas eles fundaram aldeias e cidades). Alguns descendentes de imigrados construíram a própria narração familiar de acordo com o descrito no texto de Marzano e na canção *Merica! Merica!*

É muito interessante notar, nas histórias de vida, como os italianos pensavam que vinham para uma moderna cidade da “cuccagna”<sup>13</sup>, na qual teriam terra para cultivar, animais para criar, comida em abundância e casa própria. Essa havia sido a promessa feita a eles por alguém que os tinha enganado. Segundo as testemunhas, o engano podia ter sido feito pelo governo italiano, pelo governo brasileiro, ou pelos dois. Em particular, o engano por excelência é que lhes foi prometida a terra e, na verdade, não havia terra para todos. Aliás, não havia nada. O fato é que a realidade encontrada no Brasil era diferente da que havia sido prometida. É interessante observar, também, que nenhum dos colonos tinha pensado, antes de partir, na possibilidade de que a terra da “cuccagna” talvez já fosse habitada por outros.

Em todo caso, a imigração para o Brasil representou, para muitas famílias vênetas, a única sobrevivência possível de um modo de vida camponês, que

---

<sup>13</sup> País maravilhoso; lugar em que todos vivem alegremente e sem preocupação. *Il nuovo Zingarelli*; Zanichelli Ed., 11a. ed. Bologna/Itália. Verbete: “cuccagna” [Trad. nossa].

estava desaparecendo na Itália; para eles, a vinda ao Brasil representou uma conservação de *habitus* e *ethos*<sup>14</sup>.

Também transparece das narrações que as dificuldades da emigração já começam no oceano. N.<sup>15</sup> diz que um irmão de seu avô morreu durante a travessia e foi jogado ao mar. A.<sup>16</sup> conta como a sua bisavó, grávida, adoeceu no navio a vapor por causa das péssimas condições higiênicas. Devido a essa enfermidade, todo o núcleo familiar, que se dirigia à Argentina, teve que desembarcar em Florianópolis. Aqui desembarcados, deviam enfrentar novos desafios.

A terra prometida encontrava-se em meio a uma floresta "habitada por animais ferozes e índios"<sup>17</sup>, mas os italianos, somente com as próprias forças, "triunfaram"<sup>18</sup>, provavelmente contra ambos.

A narração da chegada e dos primeiros tempos no Brasil é um dos momentos nos quais todas as histórias e as entrevistas colhidas se prolongam. Por essa razão, o identificamos como um dos momentos-chave, úteis para compreender a migração no País. Emergem as dificuldades sofridas e o fato de que os imigrados italianos tivessem que fazer tudo sem receber ajuda externa: construir casas, estradas, desmatar, cultivar... A força do imigrado italiano era representada pela capacidade de trabalhar, virtudes do pioneiro, e a solidariedade e cooperação interna do grupo dos colonos.

O relato da fundação da cidade de Criciúma, em 6 de janeiro de 1880, resultado do trabalho de um grupo de 22 famílias italianas, é de particular interesse para a criação dessa epopeia. Os descendentes falam das dificuldades da viagem em meio à floresta e da construção da primeira habitação (comunitária) para anciãos, mulheres e crianças do grupo dormirem protegidos.

É oportuno enfatizar como as principais fontes existentes para a descrição do ocorrido consistam na memorialística dos descendentes dos migrantes e nos

---

<sup>14</sup> Na esteira das obras de Edward P. Thompson (1963), usamos o termo *modo de vida camponês* com um sentido muito mais amplo do que a simples dimensão do trabalho, e que inclui tradições, valores, experiências e aspirações. Alvim (1986), em uma tentativa de fazer compreender a imigração italiana ao Brasil, refere-se também a uma sobrevivência cultural para as famílias camponesas italianas que viram seus valores ameaçados – em dado sentido – na Itália da época. Sobre a noção de *ethos*, ver ainda Bourdieu no livro "Questões de sociologia", no qual os conceitos de *habitus* e *ethos* ajudam a compreender como se processa a construção de um modo de ser italiano descendente nas colônias do sul do País.

<sup>15</sup> N., 3 abr. 2014, Florianópolis. N. faz parte da segunda geração de nascidos no Brasil e conta a história da migração dos avós. No momento da entrevista, é uma mulher de meia-idade, que trabalha como professora de italiano em Florianópolis.

<sup>16</sup> A., 22 jul. 2014, Florianópolis. A. faz parte da terceira geração do nascido no Brasil e conta a história dos bisavós. É uma pensionista que frequenta, com sua filha, uma escola de italiano.

<sup>17</sup> Como autor, prefere manter o anonimato desta testemunha.

<sup>18</sup> Como autor, prefere manter o anonimato desta testemunha.

seus depoimentos orais. Eis como o ocorrido foi descrito pelo padre Marzano no seu livro:

Veio-lhe, pois, a feliz idéia (se assim se pode dizer) de desmembrar as forças [dos colonos italianos por medo de tumultos, conforme relatado anteriormente no texto]. Em vez de fundar outro grupo perto de Urussanga, não quis mais conceder terreno aos últimos chegados de 1879, mas lançou-os em plena floresta, a 25 quilômetros ao sul de Urussanga, fundando a Colônia de Criciúma. Eram em número de cinquenta as últimas famílias chegadas - umas vinte negaram-se a ir e se colocaram provisoriamente na casa de conhecidos e conterrâneos em Urussanga. As outras trinta famílias foram obrigadas a partir, "escortadas por soldados, como os exilados da Sibéria". O caminho que conduzia a Criciúma era uma picada estreita, seguindo cursos de regatos, internando-se na mata como uma galeria. Passaram a primeira noite todas juntas num barracão, ainda agora existente e decadente (em 1903), e, no dia seguinte, o que presidia a imigração, indicou a cada um o lote de terra que lhe tocava, apresentou-lhe um machado e depois, com maneira cínica e desdenhosa, voltando as costas a todos, disse: E agora é com vocês. Arranjem-se! (1985, p. 62).

Os descendentes dos imigrados, ainda hoje, contam histórias da migração nas quais destacam a força e a bravura dos colonos italianos e o duro trabalho individual como meio para vencer as dificuldades da vida na floresta. Para enfatizar a capacidade de trabalho do núcleo dos pioneiros, encontramos, na Piazza Vittorio Veneto, em Criciúma, um monumento que homenageia uma das 22 famílias pioneiras, a família Benedet, e, em particular, o coronel Pedro Benedet, que, com apenas 16 anos, foi um dos fundadores de Criciúma. No bronze, em relevo, está escrito: *Família Benedet, 120 anni in Brasile. Origem Cordigliano - Treviso - Itália. Venirono dall'Itália, erano capaci di lavorare, si sono moltiplicati, hanno occupato tanti spazi*<sup>19</sup>.

Em relação ao tema do trabalho e do esforço dos colonos, citamos extratos de três migrações, ocorridas em três diferentes momentos.

C.<sup>20</sup> relata a experiência dos próprios bisavós, que ela mal conseguiu conhecer:

Não tinham nada. Contavam com a solidariedade entre eles para trocar sementes; davam-se assistência mútua. A solidariedade era um sentimento forte entre eles. Eram autossuficientes, produziam milho e arroz. Nós nos recordamos, não existia a luz elétrica. Eles chegaram em Laguna e ali não tinham nada, tudo

---

<sup>19</sup> Família Benedet, há 120 anos no Brasil. Origem: Cordigliano - Treviso - Itália. Vieram da Itália, sabiam trabalhar, multiplicaram-se, ocuparam muitos espaços [Trad. Nossa].

<sup>20</sup> C. 21 mai. 2014, Florianópolis. C., parte da terceira geração nascida no Brasil, conta a história dos bisavós. Ela, atualmente, está aposentada, pertencente à classe média da capital.

era precário. Tiveram que fazer tudo, desmatar tudo. Mas nunca falaram em voltar.

O segundo extrato é o de B.<sup>21</sup>, em que fala da migração dos avós para Rodeio, no início do século XX, e de um sucessivo deslocamento no interior na metade do século:

Os avós tiveram que 'desbravar'. De Rodeio, meus pais foram muito mais para o interior, a Doutor Pedrinho, porque não conseguiram se estabelecer em Rodeio. Em Rodeio, trabalhavam para uma outra família e não possuíam a terra. Não conseguiam comprar a terra; por isso foram para outro lugar. Meu pai foi um pioneiro.

Eis o que relata N.<sup>22</sup>, em relação a uma migração feita pelos pais em 1942:

Meus avós chegaram em Santa Catarina; os bisavós, bergamascos e vênnetos, chegaram em 1877. Em seguida, há setenta e dois, meus avós chegaram em Santa Catarina, na região de Concórdia. Meu avô desmatou toda a floresta e construiu a casa; depois meu pai a reestruturou. Eles levaram um mês para chegar do Rio Grande. Até um ponto, viajaram de carroça e depois, a cavalo, porque precisava passar pelo bosque. Meu pai tinha dois anos... Era difícil, pra cima e pra baixo, em meio àqueles pequenos caminhos, àquelas estradas, com todas as crianças.

Como se pode perceber dos extratos citados, a dedicação ao trabalho dos colonos parece ser o traço distintivo da imigração em Santa Catarina, independentemente da época em que ocorreu. Do nosso ponto de vista, eles recriam o mito do imigrante-pioneiro-civilizador, que foi bem-sucedido em outras latitudes.

É importante destacar que, embora a migração fosse familiar, os relatos enfatizam o pioneirismo dos *nonos* e dos homens; as mulheres aparecem quando viúvas, ou como aquelas que acompanham seus maridos.

Impressiona, de alguma forma, como o momento fundador, comum ao grupo italiano, não seja identificado com a italianidade de origem (nascimento e vida anterior na Itália), mas com as dificuldades sofridas no Brasil. Como ressaltou Jan Assman (1992, p. 5-6), todas as comunidades políticas, para serem tais, precisam elaborar uma estrutura conectiva, compartilhada, que faz com que os indivíduos se pensem como um Nós. Tal estrutura, segundo o estudioso, é construída sobre regras, valores comuns e a lembrança de um passado

---

<sup>21</sup> B., 9 mai. 2014, Florianópolis. B. faz parte da segunda geração nascida no Brasil. B. é uma pequena empresária.

<sup>22</sup> N., 3 abr. 2014, Florianópolis.

compartilhado. Para a sensação de pertencimento, é fundamental o relato da história das origens, dos heróis e das batalhas, ou seja, a construção de um imaginário comum. Tendo, então, como pressuposto que a identidade de um grupo se baseia na ideia compartilhada de um passado comum, parece-nos que este momento fundador deve ser procurado nas florestas brasileiras mais do que na Itália. Tal interpretação também se justifica pelo fato de que, no momento em que muitos emigrantes partiram diretamente para o Brasil, a unificação italiana havia acontecido muito recentemente. No momento da partida, então, a ideia que muitos emigrantes vênéticos se faziam da Itália podia ser bastante vaga. A esse propósito, Antonio Gibelli (2007) ressalta que, nas trincheiras da Primeira Guerra Mundial, encontravam-se pela primeira vez um vênético e um siciliano, e ali é que perceberam a ideia de uma pátria italiana comum. As diferenças regionais ou locais sempre foram, na história da Itália, um elemento desagregador, em vez de unificador. Além disso, e como emerge das narrações recolhidas, todos os antepassados das testemunhas falavam o dialeto do lugar de origem, às vezes misturado com o português, mas, frequentemente, não compreensível ao italiano proveniente de outra região, que por sua vez usava outro dialeto para se comunicar.

Paola Corti e Matteo Sanfilippo (2009) ressaltam, de fato, como os imigrados sentiam a ligação com o lugar ou a região de origem, mais que com o Estado italiano, que, entre outras coisas, os estava expulsando da terra<sup>23</sup>. Isto parece confirmar-se também pelas entrevistas realizadas.

Além disso, nenhum dos antepassados das testemunhas, como afirma C., no fragmento supracitado, expressou a ideia de retorno. A dureza da viagem, com certeza, também contribuía para desmotivá-los, mas aparece, da mesma forma que a vida no Brasil, apesar de todas as dificuldades, oferecia mais oportunidades do que na Itália da época.

Em particular, destacam-se as dificuldades sofridas na chegada, as quais, por causa da vida na floresta, davam coesão ao grupo e o fazia sentir-se muito mais unido. Reencontramos essa ideia entre os descendentes: não é a recordação da Itália que os une, mas a recordação da dureza da vida na chegada.

### **Os lugares de memória e os sentidos de italianidade**

Deve-se observar como o fim da vida em comum não signifique, por exemplo, por efeito da distância entre os imigrados e o próprio país de origem, o fim dos laços de pertencimento. Deve-se distinguir, porém, entre a fisicalidade

---

<sup>23</sup> O Estado italiano da época caracterizava-se por uma acentuada falta de interesse pelas massas camponesas que deixaram a península. Na verdade, a emigração era vista como uma saída interessante para o desemprego das classes trabalhadoras.

da permanência em determinado local e o sentimento ideal de pertencimento, no nosso caso, a Itália, mesmo que, de fato, o país não seja conhecido pelos descendentes dos antigos imigrados. O fato de não conhecer a Itália não diminui em nada o sentimento de italianidade que predomina entre eles. Aliás, nos últimos 20 anos, o pertencimento e a origem étnica tornaram-se um tema central no debate público. Além do mais, no sul de Santa Catarina começou a predominar uma imagem do imigrado-pioneiro, e esta imagem é, atualmente, perpetuada em museus da imigração, nas canções e festas étnicas que se difundiram na região, nas quais se lembra e se reproduz a memória da imigração italiana. Por outro lado, estudar uma tradição "inventada" (Hobsbawm, Ranger, 1983) não significa que ela seja falsa e não tenha impacto sobre a realidade.

De fato, segundo Hobsbawm (1990), as nações atuais têm origem na ideia – absolutamente moderna – de um núcleo populacional cujos membros se consideram pertencentes à mesma comunidade original, diferenciando-se de qualquer "estrangeiro".

A italianidade encenada e celebrada nas festas valoriza os traços identificadores da comunidade (o passado comum, o imigrado pioneiro e o trabalhador incansável) para propor uma representação do passado destinada a controlar o presente (Gallerano, 1995). Passa-se, assim, do estigma da imigração (durante o Estado Novo e a campanha de nacionalização) à exibição positiva da própria etnicidade.

Um primeiro sinal evidente dessa exaltação da italianidade e das virtudes pioneiras dos colonos se encontra em alguns hinos compostos depois da Segunda Guerra Mundial e que sancionam a união entre a pátria mãe, os colonos e as cidades fundadas por eles no Brasil<sup>24</sup>. Como se pode observar, os hinos

---

<sup>24</sup> Hino da cidade de Nova Veneza (SC): Da Europa então saiu/ Num navio em alto mar/ Tanta gente p'ro Brasil / P'ra nesta terra morar./ Salve, Salve a natureza/ Que me deu inspiração;/ Salve tu Nova Veneza/ Dona de meu coração./ Terra de tanta beleza,/ Lugar santo e sem igual;/ Querida Nova Veneza/ És o meu torrão natal./ Aqui tudo tem amor,/ Tem paz e muita alegria./ O teu sol tem mais calor,/ Teu povo, sabedoria./ A natureza bondosa/ Te deu água cor de anil./ És bela, és carinhosa/ Recanto do meu Brasil.

Hino da cidade de Treviso: Imigrantes de pátria distantes,/ Povoaram e abriram caminhos,/ Entre os rios e montanhas verdejantes./ Construíram Treviso com muito carinho./ Refrão: Ó meu Treviso, tu és encantador,/ És mais uma estrela no céu a brilhar./ És fonte de humano calor,/ E energia a irradiar./ Nesta longa caminhada fomos/ Protegidos pelos santos soldados/ E como irmãos sempre unidos inda vamos/ Te levar a um futuro consagrado./ Quem partiu levou pensamento/ Bons momentos de infância sadia,/ lembrar dos teus bons frutos e folguedos/ De um paraíso em harmonia.

Hino da cidade de Turvo: Ondulando arrozais cor de ouro/ Afagados aos ventos do mar,/ És tapete ao sopé da montanha/ Florescendo em riqueza sem par./ Salve Turvo, torrão generoso,/ Cada filho que tens é uma flor./ Tuas vargens bordadas de frutos,/ Tua gente é bordada de amor!/ Desde Mântua e os canais de Veneza/ Foi tua cruz, tua fé, teu brasão,/ Teu folclore, teus hinos e preces/ Têm a marca do teu coração./ Ao roncar dos tratores misturas/ Melodias de belas

transmitem a lembrança do tempo passado como o de um paraíso na terra, um lugar de harmonia em que a vida era mais bela que hoje.

Na historiografia que narra a constituição da cidade, os imigrantes pioneiros são enaltecidos e celebrados como aqueles que trouxeram a marca da civilização europeia para a região. As suas trajetórias, quando relatadas, enfatizam o trabalho, a família e a religião, valorizando também a origem étnica de cada grupo imigrante. Tais significados foram construídos ao longo das trajetórias de vida dos imigrantes e de seus descendentes, que conviveram ainda com as mudanças de expectativas em relação a esse processo: se no início do século XX a chegada dos imigrantes significou uma aproximação dos padrões europeus de civilização, nos anos 30, esse significado se modifica.

Ao analisar a trajetória de descendentes em Criciúma, Assis (2004) demonstra que, nas décadas de 1930 e 1940, devido a seu isolamento geográfico e sua pouca integração à sociedade nacional, os grupos de imigrantes italianos e alemães do sul do Brasil passaram a ser considerados uma ameaça à construção de nossa identidade nacional. Isto aconteceu porque, com o passar dos anos, esses grupos não se integraram ao restante do País, mantendo sua língua e seus costumes sem se misturar à sociedade brasileira (Seyferth, 1981; 2001). Tais imigrantes, inassimiláveis, foram considerados, juntamente com alemães e japoneses, “kystos étnicos” (Vainer, 1995).

Nesse período, que corresponde ao da Segunda Guerra, há uma forte campanha de nacionalização para os integrar. Para isso, foram proibidos de falar sua língua natal e de cultivar seus costumes e tradições, que permaneceram “encobertos” na memória dos mais velhos, uma vez que não se permitia, e ainda menos se incentivava, que fossem transmitidos às novas gerações. Segundo Bassanezi (1995), Seyferth (1981; 2001) e Moser (1990), este foi um período muito difícil para as colônias, pois as políticas com relação aos imigrantes durante o Estado Novo, e também durante a Segunda Guerra, foram marcadas pelo autoritarismo. Os imigrantes, que se mantiveram como grupo étnico no contexto nacional, sofreram com as medidas restritivas impostas aos estrangeiros e com a

---

canções,/ Misturando o Brasil e a Itália/ Na nobreza dos seus corações./ Teu futuro tu forjas nos braços,/ Sob o manto da virgem Padroeira,/ Tua fé tens expressa nos signos/ Do brasão e da tua bandeira.

Hino da cidade de Urussanga: Na saudade da Pátria distante,/ No mistério da nova Nação,/ Com ternura escreveste, Urussanga,/ Nesta terra uma nova canção./ Estribilho/ Capital adorada do vinho/ Monumento de fé tu serás:/ Alicerças o nosso futuro/ No trabalho, no amor e na paz./ Respondendo a uma chuva de flechas/ Enfrentando o perigo e a dor,/ Ao nativo ensinaste cantando/ A linguagem sublime do amor./ Tradição, liberdade, heroísmo,/ O teu povo está sempre a cantar,/ Nos vinhedos de pomos rosados/ Teu destino é viver e lutar./ Urussanga, és um par de mãos dadas/ Na bandeira, na fé, no brasão,/ Que entrelaçam Brasil e Itália/ Na nobreza do seu coração.

repressão às suas manifestações culturais. Embora permanecessem como grupos étnicos, distinguindo-se dos *brasileiros* (termo com o qual muitos descendentes se referem aos descendentes de outras etnias), não havia uma reafirmação explícita e constante da identidade italiana nesse contexto.

Nas lembranças de alguns deles, o “Tempo da Guerra” representou encobrir a italianidade. Conforme o relato extraído de De Luca:

No tempo da guerra, meu pai mandou esconder tudo o que tinha da Itália no sótão. Bandeira, livros, fotografias, envelopes e principalmente jornais. Eles recebiam jornais da Itália com notícias da guerra. Botei tudo em cima do forro. Não sei que fim levou. A polícia revistava as casas e prendia os italianos que tivessem coisas da Itália. Era proibido falar italiano e tivemos que aprender a falar português. Eu tinha ensinado o catecismo em italiano para os meus filhos e veio a política de rezar em brasileiro; com esta lei, tive que ensinar as orações em português. Foi um problema e as crianças se atrapalhavam. Tive que ensinar tudo de novo (2000, p. 49).

A proibição do uso da língua e das manifestações culturais representou para a geração dos descendentes um distanciamento da italianidade. Assim relata D.<sup>25</sup>, que atualmente participa de associações de italianos na cidade:

A minha geração, que tem 50 anos hoje, não tinha essa relação com a Itália, não sabia da onde tinha vindo. Quando a gente cresceu é que a gente começou a pesquisar, porque os nossos pais foram proibidos. A tia Madalena, 80 anos, ela diz que na época de Getúlio tiveram que queimar tudo. A tia Virgínia, do Turvo, tem 98 anos e ela só fala em dialeto. Na época de Getúlio, foram tudo preso, porque falavam o dialeto italiano.

É no contexto das festas do centenário da imigração italiana no Brasil que este imaginário vai se modificando, como se tem observado em várias regiões de colonização nos estados de São Paulo, Rio Grande do Sul e Santa Catarina. A revivificação de uma identidade italiana através de festas, associações ou “*circolos*”, pode ser vista em variadas cidades de imigração italiana, como em Santa Maria e Silveira Martins, no Rio Grande do Sul. Conforme aponta Maria Catarina Zanini, a partir da década de 1970, a identidade étnica italiana passou a ser vista como algo positivo, “quando, feito um século do início da colonização italiana no estado, [...] os descendentes almejavam, de alguma forma, expressar sua origem italiana” (Zanini, 2006, p. 197).

Além disso, segundo a mesma autora, esse fenômeno está presente em diversos grupos sociais que expressam a italianidade através das festas e jogos de

---

<sup>25</sup> D., 27 jul. 2001, Criciúma. 2ª geração descendente de imigrante italiano, 55 anos, professora.

bocha, marcando as diferenças de classe entre os descendentes, uma vez que os que não pertencem aos grupos sociais economicamente mais estabelecidos não frequentam as associações italianas.

Conforme observa Adiles Savoldi (2008), a partir do centenário da imigração o elo rompido com a Itália começa a ser reatado. A abertura política no Brasil tem propiciado esse reatamento, associado à intensificação das relações globais que passam a ocorrer com o desenvolvimento dos meios de comunicação e de transporte.

Com a volta do regime democrático, a partir dos anos 1980, assistiu-se, em Santa Catarina, a uma multiplicação de festas étnicas que exprimem, também, a vocação turística e comercial da cidade protagonista.

O movimento de valorização da italianidade em Criciúma ocorre num período em que, em todo o estado de Santa Catarina, as festas étnicas ganhavam expressão nacional.

As festas passaram a ser analisadas por historiadores catarinenses desde que a Oktoberfest se tornou uma festa de projeção nacional. Conforme destacam Flores e Wolff (1997), as festas municipais tornam-se fatos sociais e culturais significativos, pois atraem o turismo de massa e contribuem para revalorizar e recriar pertencimentos étnicos, como ocorreu na Oktoberfest, em Blumenau, e nas festas açorianas, italianas e outras, que se espalharam por Santa Catarina a partir dos anos de 1980. Segundo os mesmos autores, a invenção das festas contribuiu para reafirmar identidades e recriar lugares de memória. Ainda no circuito das festas, Flores (1998) analisa a farra do Boi em Santa Catarina, destacando como tais manifestações ajudam a recriar o pertencimento e a noção de identidade açoriana.

No caso da região sul do estado, conforme Savoldi (1998, p. 40), a redescoberta da italianidade conduziu a um processo de inventário da italianidade na região. Desse modo, a cultura italiana, resgatada por suas várias associações, refere-se a uma releitura que os descendentes de imigrantes fazem do passado: a imagem do colono rude e agricultor é revalorizada, assim como o são todos os elementos que ajudam a reconstruir a italianidade. Neste sentido, as festas italianas, os encontros de família e a elaboração de mapeamentos da italianidade, entre outras manifestações culturais registradas desde meados dos anos 80 nas cidades da região, são elementos que marcam o movimento de “resgate” da cultura italiana (Assis, 2004, 2011).

Os descendentes dos italianos, num contexto interétnico, apropriam-se de determinados símbolos e lhes atribuem valores e significados imutáveis no tempo. No caso de Urussanga, o estilo de vida italiano, simbolizado pelo vinho e pela culinária, torna-se o emblema da cidade.

A primeira festa étnica em Santa Catarina foi a Oktoberfest, em Blumenau, criada em 1984, depois de uma grande inundação que havia causado muitos danos à cidade. Com o sucesso da primeira festa, pouco depois, as cidades vizinhas de Joinville, Itajaí, Brusque e Jaraguá do Sul criaram suas próprias celebrações étnicas (Fantin, 2000, p. 137), já que, para os atores locais, esse tipo de festa se torna um modo através do qual a identidade encontra, entre as dificuldades, o próprio lugar *fixo* no mundo e adquire um significado diferente no contexto em que se reproduz.

Em 1984, houve a primeira festa da italianidade de Urussanga. Naquele momento, começa-se a criar a imagem da cidade como *capital do bom vinho* (apesar de, anteriormente, ter-se notabilizado como centro siderúrgico). Naquele tempo, os italianos que se haviam fixado na região introduziram a cultura da videira. A produção de vinho, porém, por muito tempo manteve caráter familiar, destinada simplesmente para autoconsumo. A partir dos anos 1990, a produção aumentou a tal ponto que foram abertas algumas casas de produção, mas com a comercialização ainda limitada à região (Silva, 2006).

Em Urussanga, a festa do vinho celebra a italianidade e a epopeia da migração. O processo migratório é narrado de uma maneira vitoriosa, ressaltando a contribuição e a ética do trabalho imigrante. Esse tipo de narrativa está presente em outras festas do vinho realizadas pelos descendentes, como se pode observar na análise dessas festas realizadas em Caxias desde a década de 1930 do século passado, conforme observa Beneduzi:

Essas festas eram importantes para a re-elaboração do processo imigratório. A leitura mnemônica que se produz sobre a travessia e a ocupação da nova terra trazem consigo o sinal epopéico da superação de enormes dificuldades rumo à vitória conquistada: os imigrantes e seus descendentes são os grandes atores deste sucesso colonial (2011, p. 3).

A festa da uva faz parte do calendário de festas de Caxias do Sul e segue sendo realizada nos dias atuais. Ao longo desses anos, foi sendo atualizada, modificando seus significados, mas sempre reforçando a imagem que o grupo pretende projetar: são pioneiros, desbravadores e civilizadores de uma terra selvagem, bons trabalhadores e bons católicos (Santos, 2007). Como aponta Ribeiro (2002, p. 21), trata-se de uma celebração educativa, que reatualiza o objeto da celebração: o processo migratório e colonizador e suas construções. A narrativa migratória, presente nas festas do vinho e em outras festas italianas, faz uma articulação entre as narrativas do passado migratório e sua atualização no presente, reforçando os laços de pertencimento étnico através de narrativa mnemônicas. Da mesma forma que observam Beneduzi, Santos e Ribeiro, em relação ao processo de construção identitária na serra gaúcha, esse processo

construiu noções de pertencimento étnico nos descendentes, que, em Urussanga, mobilizaram-se em torno das festividades nos anos 1990.

A reinvenção das festas em Santa Catarina ocorreu na segunda metade do século XX, mais precisamente no final dos anos 1980, e marca um *revival* étnico em Santa Catarina. Dessa forma, se, durante o Estado Novo (1937-1945) e no período da ditadura civil militar (1964-1985), as marcas de pertencimento étnico foram atenuadas, ou encobertas, continuaram sendo vividas nos espaços privados e no âmbito familiar. Com a redemocratização e as festas que começaram a marcar as celebrações em torno dos centenários de imigração, começou-se a reviver uma afirmação positiva da italianidade. Fantin (1998, p. 46-47), ao analisar a invenção das festas étnicas em Santa Catarina, escreve que, ao longo dos anos '80, elas se espalharam em várias cidades do estado. Algumas, como a Oktoberfest, consolidaram-se e assumiram caráter de festa nacional; outras, mantêm-se no calendário festivo turístico e outras, enfim, são meras tentativas que não sobreviveram à segunda ou à terceira edição (caso especial de Florianópolis), abrindo um verdadeiro leque de questões a serem investigadas.

Para a autora, ao se discutir o processo de reinvenção-invenção das festas, é preciso levar em conta não só seu caráter dinâmico, que incorpora transformações na ordem do contexto, na natureza e nas relações com seus atores. Importa perguntar que mudanças são essas, como se deram, quem as promoveu (agentes institucionais, mediadores culturais), ou se são o resultado de arranjos internos promovidos por seus atores. Estas celebrações vão se espalhar por todo o estado e marcam novamente a narrativa positiva e épica da migração para o estado. Urussanga, mostrando o caráter principal da feira, encena e espalha determinados modos de ser italiano. Como parte da celebração da italianidade, além de uma competição de beleza (italiana), há vários concertos durante as noites.



Imagem 1 - Fotos das famílias de imigrantes italianos pioneiros em Urussanga  
Festa do Vinho, 9 ago. 2014.

Atualmente, a festa do vinho, que ocorre em Urussanga de dois em dois anos, já chegou à sua 15ª edição. Junto com a comida típica italiana, percebemos, no trabalho de campo, outros elementos que buscam fazer dela uma festa nacional, com atrações musicais que vão além das músicas italianas, com o aporte de atrações nacionais.



Imagem 2 – Folder da festa de 2014

Fonte: pagina do evento festa do Vinho Urussanga, 2014.

A programação evidencia articulação com outros elementos da cultura brasileira, mostrando como esse processo de reinvenção das identidades se faz no diálogo com as culturas locais. As festas tornaram-se um importante elemento na construção da italianidade no tempo presente e têm sido utilizadas também como forma de promover o turismo, o que realça seu caráter comercial e as articulações com o turismo étnico na região.

As imagens publicitárias inseridas no Facebook da Festa do Vinho de Urussanga 2014 trazem o que é considerado como a italianidade da cidade: a boa comida (a pizza e um prato composto de comida tradicional, isto é, espaguete, a polenta com galinha...) e o bom vinho, que, como afirma o slogan publicitário posto sobre a terceira imagem: "Para quem quer beber o vinho de uma maneira diferente, tem que experimentar o Chopp de Vinho. É delicioso, impossível beber um copo só".

Iniciada como uma celebração local, atualmente a festa atrai milhares de participantes de todo o País. Embora, com o passar do tempo, tenha assumido um caráter mais comercial que popular, também encontramos sinais que lembram a tradição italiana, como se imagina que ela é e como, nos fatos, passe

por uma reelaboração em terras brasileiras. Tal mistura poderia ser simbolizada por uma cozinha mestiça que serve, no *Café da Colônia*, a polenta, o queijo, o aipim, o salame, o cachorro-quente e uma empada.



Imagem 3: Detalhe da festa do Vinho – Urussanga  
Foto de Chiara Pagnotta, 10 ago. 2014

Uma festa de menor dimensão é a de Porca Pipa, em Criciúma. Embora receba a visita de muitos políticos locais, não atingiu a mesma natureza pública e comercial da precedente. Sua edição de 2014 aconteceu no Morro do Estevão, um lugar, segundo afirma Emerson Cesar de Campos (2003, p. 139), característico da imigração italiana, pois a colonização do Morro começou em 1890 com as famílias Zanetti, Bortoluzzi, De Luca, dentre outras.

Realizada com o apoio da associação Trevisani nel Mondo, Seção de Criciúma, previa a abertura com um coro e um jantar típico (*minestrone faggioli [sic]*<sup>26</sup>). No dia seguinte, seguiram-se um café colonial, um desfile de moda e o concerto do grupo musical de Nova Veneza "*Roba da Ciodi*"<sup>27</sup>. No domingo, realizou-se a missa, celebrada em italiano, com as canções do Coral Rota da Imigração Morro do Estevão, seguindo-se um almoço típico de polenta. O festival foi fechado com várias canções e performances de carros antigos<sup>28</sup>.

Um dos principais momentos da festa, caracterizada por cantos e comida típica, foi a "mistura da polenta", que se pode conferir na imagem abaixo.

---

<sup>26</sup> Sopa e feijão.

<sup>27</sup> *Roba da Ciodi*, em dialeto veneziano, significa coisas de qualidade ruim. De acordo com a internet: "O grupo nasceu em 2004, com o projeto de manter viva a cultura italiana, juntamente com a vontade de tocar músicas folclóricas. O nome 'Roba da Ciodi' surgiu devido a uma expressão muito utilizada antigamente pelos imigrantes. Em português, seria algo semelhante a "Coisa de louco".

Fonte:

<http://www.novarento.sc.gov.br/noticias/index/ver/codMapaItem/33857/codNoticia/211586#.WSMNU-vyjIU> [22/5/2017].

<sup>28</sup> Ver a brochura do programa da festa (AA.VV., 2014).



*Imagem 4: Mistura da polenta – Criciúma  
Foto de Chiara Pagnotta, 18 mai. 2014.*

Os homens, com chapéu de alpinos e um avental amarelo, se encarregaram de "misturar a polenta", servida, em seguida, nas mesas pelas mulheres (que, nesse meio tempo, estavam na cozinha preparando o resto da comida). A ideia era representar e apresentar a comida típica da Itália, especialmente do nordeste italiano. Também nesse caso a polenta era servida com galinha e espaguete.

Nos dias de festas são exaltadas, inclusive, as virtudes colonizadoras dos imigrantes italianos (em especial, a identidade trevisana), assim como as provas que tiveram que ser superadas e a luta contra as adversidades.

Já em 1966, a cidade de Criciúma tinha valorizado a sua história migratória, erigindo o monumento ao imigrante (na praça homônima): duas pedras redondas, que formam uma roda de moinho, são sustentadas por três colunas. A roda representa as virtudes trabalhadoras e colonizadoras das três etnias fundadoras da cidade (as três colunas): italiana, polonesa e alemã. Alguns anos depois, em 1981, por ocasião das celebrações pelo centenário da fundação da cidade por colonos italianos, o Monumento às Etnias foi edificado. É interessante ressaltar como as etnias colonizadoras da cidade parecem ser agora cinco, representadas no monumento conforme sua importância numérica, é o que se diz. Como se pode ver na fotografia abaixo, o pilar mais alto é do grupo italiano, seguido do grupo alemão, depois do polonês, do português e, enfim, do da população negra.



*Imagens 5 e 6: Monumento ao emigrante e Monumento às Etnias. Criciúma, Foto de Chiara Pagnotta. 17 mai. 2014.*

No entanto, como observa Assis (2004; 2011), em Criciúma, a partir da festa do centenário da cidade, e também da quermesse, sua história é recontada não mais a partir da cidade do carvão, mas da diversidade étnica. A revalorização das etnias nas festas encobre, muitas vezes, conflitos e diferenças de classe entre elas existentes, sendo apresentadas como totalidades – os negros, os italianos, os alemães, os poloneses, os portugueses – e não revelando a heterogeneidade no interior dos grupos<sup>29</sup>. Esse aspecto é muito instigante, pois há um conflito não muito explícito entre as etnias economicamente hegemônicas: os italianos, que aparecem como os que construíram a cidade, e os luso-brasileiros, que vieram para trabalhar no carvão, ou, como dizem na cidade, “os brasileiros”, que constituem a maioria da população<sup>30</sup>.

Conscientes que a história se escreve sempre no presente e, além disso, a memória é reelaborada com base no presente, achamos muito peculiar essa mudança no número das etnias fundadoras da cidade (de três para cinco) em mais ou menos vinte anos. De qualquer maneira, as formas segundo as quais a identidade étnica foi reivindicada excluíram a população indígena da visibilidade no espaço público. O monumento comemorativo realmente representa uma expressão cultural da dimensão local, mas torna-se, no contexto da celebração, um quadro de elementos, tanto fixos quanto mutáveis, que determinam e representam as diferentes concepções do mundo.

<sup>29</sup> Ver também Campos (2003). O autor analisa a reconstrução das imagens da cidade e o significado da Festa das Etnias nesse contexto.

<sup>30</sup> Ver Dorval Nascimento (2006), pesquisa realizada sobre a composição étnica da cidade e suas tensões.

## Conclusões

Nesse texto, procuramos mostrar alguns traços da imigração italiana no sul do Brasil, elevados a símbolo da identidade italiana, reconstruída a partir de vários sinais diacríticos: comida, religiosidade, narrativas sobre a imigração e festas italianas. Nesses eventos, a italianidade é celebrada e reinventada, trazendo para o tempo presente uma identidade imaginada como a “verdadeira italianidade” [entendida, muitas vezes, como imutável no tempo]. É importante destacar, ainda, como essa rememoração tem construído e ressignificado os sentidos de italianidades que se expressam nas festas étnicas, como encenam tradições, reinventam comidas típicas, danças e músicas consideradas “tipicamente italianas”, transformando as festas em eventos para atrair turistas. As memórias dos *nonos* e *nonas* e as narrativas de imigração permeiam os relatos dos descendentes; as festas trazem para o tempo presente a Itália imaginada pelos descendentes.

Estamos de acordo com Le Goff (1991) sobre a importância da transmissão e persistência da memória para a construção da identidade. Neste sentido, a memória "colectiva" é formada a partir de elementos comuns ao grupo que contribui para a formação de uma identidade e molda a memória individual dos seus membros (Halbwachs, 1987). Assim, por um lado, existem várias memórias coletivas, cada uma das quais afeta um grupo em determinado período de tempo e no espaço; por outro lado, como em nosso caso, "nossas memórias são registrados em histórias coletivas, que, por sua vez, são reforçados por comemorações e celebrações públicas dos destaques dos quais dependia o curso da história dos grupos a que pertencemos" (Ricoeur, 1999, pp. 17-18). Neste sentido, nós, aqui, refletimos especialmente sobre a imagem do imigrante pioneiro, bravo, incansável trabalhador do século XIX, ainda hoje transmitida e recriada no Brasil graças, também, à narrativa dos descendentes de imigrantes, à literatura da época e às celebrações das festas étnicas italianas que temos visto.

## Bibliografia

- AA.VV. *Programa de IV Porca Pipa. Uma festa Trivigiana* [Brochura publicitária].  
ALVIM, Zuleika Maria Forcione. *Brava gente! Os italianos em São Paulo 1870- 1920*.  
São Paulo, Brasiliense, 1986.
- ANDERSON, Benedict. *Comunità immaginate*. Roma, Manifestolibri, 1996.
- ARNS, Otilia (coord.). *A semente deu bons frutos: centenário de Criciúma. 1880-1980*.  
Florianópolis, Editora Casa Civil/IOESC, 1985.

- ASSIS, Gláucia de Oliveira. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares e de gênero nas vivências dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis, Editora Mulheres, 2011.
- ASSIS, Gláucia de Oliveira – Luis Fernando, BENEDUZI (coords.). *Os pequenos pontos de partida: novos e(i)migrantes rumo à Itália no século XXI*. Curitiba, Editora CRV, 2014.
- ASSMAN, Jan. *La memoria culturale*. Torino, Einaudi, 1992.
- BALDIN, Nelma. *Tão fortes quanto a vontade. História da Imigração Italiana no Brasil: os vênetsos em Santa Catarina*. Florianópolis, Ed. Insular e Ed. da UFSC, 1999.
- BALIBAR, Etienne – Immanuel, WALLERSTEIN. *Razza nazione classe. Le identità ambigue*. Roma, Edizioni Associate Editrice Internazionale, 1996.
- BARTH, Fredrik. *Ethnic groups and boundaries. The social organization of culture difference*. Oslo, Universitetsforlaget, 1969.
- BENEDUZI, Luis Fernando. “Festa da Uva e política fascista: narrativa de operosidade e resgate de italianidade”. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*. São Paulo, 2011. (pp. 1-11). Disponível em: [https://arca.unive.it/retrieve/handle/1027873920729383/1300650832\\_ARQUIVO\\_BeneduziAnpuh2011.pdf](https://arca.unive.it/retrieve/handle/1027873920729383/1300650832_ARQUIVO_BeneduziAnpuh2011.pdf) [18 jan. 2016].
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.
- BRUNELLO, Piero. *Pionieri. Gli italiani in Brasile e il mito della frontiera*. Roma, Donzelli, 1994a.
- BRUNELLO, Piero. “Índios e colônias no Brasil meridional (Rio Grande do Sul e Santa Catarina): 1875-1915” in FRANZINA, Emilio – Adolfo, PEPE (coords.). *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell’emigrazione italiana in America Latina - 1870-1970*. Milano, Teti Editore, 1994b. (pp. 311-325).
- BRUNELLO, Piero. “Índios e colonos Italianos no Sul do Brasil” in FLEURI, Reynaldo (coord.). *Intercultura e movimento sociais*. Florianópolis, NUP/MOVER, 1998. (pp. 97-116).
- CAVALCANTE, José Luiz. “A Lei de Terras de 1850 e a reafirmação do poder básico do Estado sobre a terra”. *Histórica: Revista online do Arquivo Público do Estado de São Paulo*. São Paulo, 2, 2005. Disponível em: <http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao02/materia02> [7 jan. 2016].
- CHRISTILLINO, Cristiano Luís. *Litígios ao sul do Império: a Lei de Terras e a consolidação política da Coroa no Rio Grande do Sul (1850-1880)*. 2010. PhD Thesis. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal Fluminense. Niterói.
- CORTI, Paola – Matteo, SANFILIPPO (coords.). *Storia d’Italia. Annali 24. Migrazioni*. Torino, Einaudi, 2009.

- DE CAMPOS, Emerson César. *Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exibições na cidade contemporânea - Criciúma (SC) (1980-2002)*. Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina - Thesis de Doutorado, 2003.
- DE LUCA, Derlei C. *Os jasmims do Jardim de Paolo*. Criciúma, Ed. do Autor, 2000.
- FANTIN, Márcia. "A reinvenção das festas: uma contribuição para o debate" in FLEURI, Reinaldo – Márcia, FANTIN (coords.). *Culturas em Relação: comentários aos debates, cursos e atividades durante o seminário internacional: educação intercultural e movimentos sociais*. Florianópolis, MOVER/UFSC, 1998. (pp. 43-52).
- FANTIN, Márcia. *Cidade dividida*. Florianópolis, Cidade Futura, 2000.
- FLORES, Maria Bernardete Ramos – Cristina Scheibe, WOLFF. "Imagens Que Não se Apagam: representações de gêneros na Oktoberfest". *Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*. PUC/SP, 14, 1997. (pp. 161-182).
- FLORES, Maria Bernardete Ramos. *A farra do boi: palavras, sentidos, ficções*. Florianópolis, Editora da UFSC, 1997.
- FRANZINA, Emilio. *Merica! Merica! Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti in America Latina (1876-1902)*. Milano, Feltrinelli, 1979.
- GADELHA, Regina Maria d'Aquino Fonseca. "A lei de terras (1850) e a abolição da escravidão: capitalismo e força de trabalho no Brasil do século XIX". *Revista de História*. USP, 120, 1989. (pp. 153-162).
- GALLERANO, Nicola (coord.). *L'uso pubblico della storia*. Milano, Franco Angeli, 1995.
- GIBELLI, Antonio. *L'officina della guerra. La Grande Guerra e le trasformazioni del mondo mentale*. Torino, Bollati Boringhieri, 2007.
- GROSSELLI, Renzo Maria. *Vincere o morire: contadini trentini (veneti e lombardi) nelle foreste brasiliane: parte 1: Santa Catarina, 1875-1900*. Trento, Provincia Autonoma di Trento, 1986.
- HALBWACCS, Maurice. *La memoria collettiva*. Milano, Unicopli, 1987.
- HOBBSAWM, Eric – Terence, RANGER. *The invention of Tradition*. Cambridge, Cambridge University Press, 1983.
- HOBBSAWM, Eric. *Nations and Nationalism since 1870*. Cambridge, Cambridge University Press, 1990.
- LE GOFF, Jacques. *El orden de la memoria*. Barcelona, Paidós, 1991.
- MARZANO, Luigi. *Colonos e missionários Italianos na floresta do Brasil*. Florianópolis, UFSC, 1985.
- MEDEIROS DE MENEZES, Lená. "A imigração europeia como passaporte para o progresso e a civilização no Brasil do século XIX". Artigo oriundo de comunicação apresentada no Terceiro Encontro do Grupo "Trabalho Intelectual, pensamento e modernidade na América Latina, séculos XIX e

- XX”, realizado na UERJ em agosto de 2013. Disponível em: <http://www.labimi.com.br/artigos/1306519190.pdf> [07/01/2016].
- NASCIMENTO, Dorval do. *Faces da urbe: processo identitário e transformações urbanas em Criciúma/SC (1945-1980)*. PhD Thesis. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.
- OTTO, Claricia. *Catolicidades e italianidades: Tramas e Poder em Santa Catarina (1875-1930)*. Florianópolis, Insular, 2006.
- PERCO, Daniela. “Colonia «Nuova Venezia»: origini e sviluppo di un insediamento italo-veneto nel Sud dello Stato di Santa Catarina” in MEO ZILIO, Giovanni (coord.). *Presenza, cultura, lingua e tradizioni dei Veneti nel mondo. Parte I. America latina. Prime inchieste e documenti*. Venezia, Giunte Regionale Regione Veneto, 1987. (pp. 435-472).
- PIAZZA, Walter. *A colonização italiana em Santa Catarina*. Florianópolis, IOESC, 1976.
- RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. *Festa e Identidade. Como se faz a Festa da Uva*. Caxias do Sul, EDUCS, 2002.
- RICOEUR, Paul. *La lectura del tiempo pasado: memoria y olvido*. Madrid, Universidad Autónoma de Madrid, 1999.
- SANTOS, Miriam de Oliveira. “A mulher e a reprodução social da família”. *Revista Ártemis*. UFPB, 7, 2007. (pp. 88-92).
- SAVOLDI, Adiles. *O caminho inverso: a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania*. Florianópolis, Programa de pós-graduação em Antropologia Social - UFSC, Dissertação de Mestrado, 1998.
- SEYFERTH, Giralda. *Nacionalismo e identidade étnica. A ideologia germanista e o grupo teuto-brasileiro numa comunidade do vale do Itajaí*. Florianópolis, Fundação Catarinense de Cultura, 1981.
- SEYFERTH, Giralda. “Construindo a Nação: hierarquias raciais e o papel do racismo político de imigração e colonização” in MAIO, Marcos Chor – Ricardo Ventura, SANTOS (coords.). *Raça, ciência e sociedade*. Rio de Janeiro, FIOCRUZ/CCBB, 1996. (pp. 41-59).
- SEYFERTH, Giralda. “Imigração e nacionalismo: o discurso da exclusão e a política imigratória no Brasil” in CASTRO, Mary (coord.). *Internacionais – contribuições para políticas Brasil*. Brasília, CNPD, 2001. (pp. 137-150).
- THOMPSON, Edward P. *The Making of the English Working Class*. London, Victor Gollancz, 1963.
- TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico. Um século de imigração italiana no Brasil*. São Paulo, Nobel, 1988.
- VAINER, Carlos B. “Estado e Migração no Brasil: da imigração à emigração” in LOPES PATARRA, Neide (org.). *Emigração e imigração internacionais na Brasil*

*contemporâneo*. São Paulo, Fundo de Populações das Nações Unidas, 1995, v.1. (pp. 41-52).

VANGELISTA, Chiara. *Dal vecchio al nuovo continente. L'immigrazione in America Latina*. Torino, Paravia Scriptorium, 1997.

WESSLEER PRUDENCIO DA SILVA, Ana Carolina. *A construção de uma Itália Brasileira: festas e produções culturais em Urussanga (1984-2004)*. Florianópolis, Universidade do Estado de Santa Catarina, Centro de Ciências de Educação –FAED -, Thesis de Mestrado, 2006.

ZANINI, Maria Catarina. *Italianidade no Brasil Meridional: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS*. Santa Maria, Editora da UFSM, 2006.

ZANINI, Maria Catarina, SANTOS, Miriam de Oliveira. "O trabalho como «categoria étnica»: um estudo comparativo da ascensão social de imigrantes italianos e seus descendentes no Rio Grande do Sul (1875-1975)". *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*. Centro Scalabriniano de Estudos Migratórios, 17 (33), 2009. (pp. 177-198).

**Chiara Pagnotta** é pesquisadora no Taller de Estudios e Investigaciones Andino-Amazónicas TEIAA-UB. Entre suas publicações, destacam-se: *La migración ecuatoriana a España e Italia. Historias, memorias e identidades, 1995-2007*. Quito, UASB/Corporación Editora Nacional, 2014; *Situando los márgenes de la Nación. Los italianos en Ecuador (XIX-XX)*. Quito, Abya-Yala/TEIAA, 2016.

**Contato:** cpagnotta@gmail.com

**Gláucia de Oliveira Assis** é professora associada na Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), no programa de Pos-graduação em História do tempo presente. Tem pesquisado na área de migrações contemporâneas, gênero, família e redes sociais. Entre suas publicações podemos destacar; Assis, G. O.; Beneduzi, L. F. *Os pequenos pontos de partida: novos e(imigrantes) rumbo à Itália no século XXI*. Curitiba, CRV, 2014, 231p. *De Criciúma para o mundo: rearranjos familiares dos novos migrantes brasileiros*. Florianópolis. Editora Mulheres, 2011 p.348.

**Contato:** galssis@gmail.com

**Recebido:** 25/01/2017

**Aceito:** 30/04/2017